

Censo socioeconômico dos discentes do curso de administração de uma universidade pública na cidade de Sousa- PB

Socioeconomic census of the disciplines of the administration course of a public university in the city of Sousa- PB

Censo socioeconómico de los discentes del curso de administración de una universidad pública en la ciudad de Sousa- PB

José Carlos Vieira de Queiroga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7941-3665>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: josekdc@gmail.com

Marcos Macri Olivera

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9446-4727>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: macri.ccjs@gmail.com

Luma Michelly Soares Rodrigues Macri

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3898-6659>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: lumamichelly@hotmail.com

Allan Sarmiento Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2065-0599>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: allan.sarmiento@ufcg.edu.br

Érika Lira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2812-6265>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: erikaliradasilva@gmail.com

Recebido: 04/01/2019 | Revisado: 26/01/2019 | Aceito: 04/02/2019 | Publicado: 26/02/2019

Resumo

O objetivo do presente artigo é apresentar o resultado de uma investigação sobre aspectos da realidade social, cultural e acadêmica dos discentes do Curso de Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, Paraíba e dessa forma traçar o perfil socioeconômico dos referidos alunos. A metodologia utilizada para

este trabalho se deu através de pesquisa descritiva e exploratória. O universo da pesquisa foram todos os alunos matriculados ativamente no Curso. Concluiu-se que a maior parte do universo é do sexo masculino, tem entre 16 e 27 anos, é considerada branca e parda, solteiro, mora em casa ou apartamento, reside ainda com a família, estudou integralmente em escola pública. Possui como renda, menos de 1 a 2 salários mínimos, exerce função no setor privado, na área do comércio. Entre os assuntos de maior interesse dos alunos, questões relativas a serviços públicos e a situação econômica do país, se destacaram.

Palavras-chave: Administração; Universidade; Perfil socioeconômico; Políticas estudantis.

Abstract

The objective of the present article is to present the result of an investigation about aspects of the social, cultural and academic reality of the students of the Administration Course of the Center of Juridical and Social Sciences of the Federal University of Campina Grande, Sousa, Paraíba and in this way to draw the profile socioeconomic level of those students. The methodology used for this work was based on descriptive and exploratory research. The research universe was all students actively enrolled in the Course. It was concluded that most of the universe is male, is between 16 and 27 years old, is considered white and brown, single, lives at home or apartment, still resides with family, studied fully in public school. It has as income, less than 1 to 2 minimum salaries, performs a function in the private sector, in the area of commerce. Among the issues of most interest to the students, issues related to public services and the country's economic situation, stood out.

Keywords: Administration; University; Socioeconomic profile; Student policies.

Resumen

El objetivo del presente artículo es presentar el resultado de una investigación sobre aspectos de la realidad social, cultural y académica de los discentes del Curso de Administración del Centro de Ciencias Jurídicas y Sociales de la Universidad Federal de Campina Grande, Sousa, Paraíba y de esa forma trazar el perfil socioeconómico de dichos alumnos. La metodología utilizada para este trabajo se dio a través de investigación descriptiva y exploratoria. El universo de la investigación fueron todos los alumnos matriculados activamente en el Curso. Se concluyó que la mayor parte del universo es del sexo masculino, tiene entre 16 y 27 años, es considerada blanca y parda, soltero, vive en casa o apartamento, reside aún con la familia,

estudió íntegramente en escuela pública. Tiene como renta, menos de 1 a 2 salarios mínimos, ejerce función en el sector privado, en el área del comercio. Entre los asuntos de mayor interés de los alumnos, cuestiones relativas a servicios públicos y la situación económica del país, se destacaron.

Palabras clave: Administración; universidad; Perfil socioeconómico; Políticas estudiantiles.

1. Introdução

A Administração é uma Ciência Social que estuda, analisa e sistematiza as práticas utilizadas para a ação de administrar. Envolve um processo de gerenciamento de recursos humanos e de materiais em direção a um objetivo específico. É considerada uma área interdisciplinar e multifuncional do conhecimento, uma vez que engloba e unifica técnicas de diversas ciências. Chiavenato explica que a Administração tem por função essencial a realização de tarefas por meio de pessoas, de forma eficiente e eficaz, e ainda infere que o administrador deve entender o que a empresa tem como objetivos, e dessa forma, realizar o planejamento, organização, direção e controle de todas as pessoas e recursos das áreas envolvidas (Chiavenato, 2000b).

De acordo com o Ministério da Educação, no Brasil, os cursos de Administração ainda são muito recentes (desde 1952), embora possuam, atualmente, o maior número de implantações nas Instituições de Ensino. O curso teve 833.042 matrículas em 2012, segundo dados do Censo da Educação Superior. Silva *et al.* (2013), ao citar Ramos (2004), justificam esse aumento das Escolas de Administração no Brasil e no mundo como sendo um aspecto resultante de interesses políticos, econômicos e sociais e de formação profissional. A criação desses cursos assume papel relevante, pois está relacionado ao processo de desenvolvimento do país. É importante frisar que a formação em Administração deve ter seu papel refletido no capital intelectual estratégico, sendo o administrador um tomador de decisões e solucionador de problemas.

Aktouf (2004) critica as escolas de Administração pela ênfase nas técnicas, elementos quantitativos, quando estas, muitas vezes, têm minorado aspectos sociais, étnicos e trabalhistas. A educação tem que se adequar às mudanças, abandonar as formas tradicionais de ensino-aprendizagem tanto dos alunos, como dos professores, e estimular esse espírito de mudança constante, que é característico do mundo atual.

O ensino em Administração ainda recebe várias críticas. Apesar dos crescentes estudos na área, nota-se que a qualidade do ensino ainda é falha. Como afirmam Lourenço, Tonelli & Mafra (2009) há evidências de que embora tenha sido grande o crescimento desses cursos nos últimos anos, a qualidade ensino não segue o mesmo caminho. As instituições de ensino são complexas e necessitam de informações confiáveis e precisas, para que haja um melhor gerenciamento de seus processos. Dessa forma, é preciso colocar os objetivos da instituição em consonância com os objetivos do corpo discente. Então, faz-se necessário conhecer a realidade social e econômica desses alunos.

A necessidade de conhecer o perfil socioeconômico dos alunos surge do interesse em poder contribuir com uma pesquisa que sirva de base para futuras melhorias nas condições de ensino, de modo que seja possível atender às expectativas do corpo discente, de maneira que conhecendo suas dificuldades, seja possível contribuir para o aperfeiçoamento de políticas estudantis de inserção e manutenção dos alunos na Universidade.

A presente pesquisa foi direcionada para os alunos do Curso de Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais (CCJS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na cidade de Sousa, Paraíba, que foi criado em 2008, através da resolução CSE/UFCG nº10/2008, sendo reconhecido pela portaria MEC/SERES 706 de 18/12/2013, como consta no portal de informações do CCJS (<http://www.ccjs.ufcg.edu.br/Paginas/Cursos/Graduacao.php?Curso>). Nesta perspectiva, surgiu o seguinte questionamento: Qual é o perfil socioeconômico dos alunos do Curso de Administração da UFCG/CCJS? O objetivo do presente artigo é apresentar o resultado de uma investigação sobre aspectos da realidade social, cultural e acadêmica dos discentes do Curso de Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, Paraíba e dessa forma traçar o perfil socioeconômico dos referidos alunos.

Destaca-se a relevância desta pesquisa, também, à visão do curso perante os discentes, integrando-os como agentes participantes do processo de melhoria e de desenvolvimento. Percebe-se, assim, que conhecendo o perfil socioeconômico dos alunos, é possível minimizar as distorções de opinião, possibilitar uma readequação a metodologia aplicada nas aulas, bem como, de sugerir melhorias de políticas e normas que norteiam o ensino. Em síntese, possibilita descobrir os aspectos favoráveis, e incentivá-los, e descobrir os desfavoráveis, buscando eliminá-los.

2. A história do ensino de Administração de empresas no Brasil

Os principais objetivos da educação superior no Brasil, em torno da formação profissional, estão direcionados ao estímulo da criação cultural e ao desenvolvimento do espírito científico, tecnológico e do pensamento reflexivo, além da contribuição para o desenvolvimento técnico de várias áreas do conhecimento, de modo que haja incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica, visando desenvolver o entendimento do homem e do ambiente ao que está inserido (Ribeiro, 2014).

Vislumbrando a área da Administração, é importante conhecer seu conceito, sua participação no desenvolvimento social, sua história como área do saber, até que se entenda a importância dessa ciência no contexto do ensino superior/técnico. Para Maximiano (2009), qualquer pessoa que administra qualquer conjunto de recursos, é administrador, independente da posição que se ocupa. Chiavenato (2000a, p.5) diz “[...] a tarefa básica da Administração é a de fazer as coisas por meio de pessoas de maneira eficiente e eficaz”. Logo, conclui-se que Administração compreende a execução de funções, através dos recursos humanos e materiais de uma organização, com o intuito de alocá-los de maneira eficiente, para que se atinja determinado objetivo.

De acordo com Motta (2003) a administração surgiu a partir da Revolução Industrial, quando questões como produtividade foram colocadas em pauta. A sociedade passou por várias mudanças, como desenvolvimento de máquinas, crescimento populacional, crescimento acelerado das cidades. O desenvolvimento da administração acompanha o contexto histórico. A tendência é que futuramente as tarefas administrativas sejam cada vez mais incertas e desafiadoras, em função do ambiente em constantes mudanças (Chiavenato, 2000c).

Segundo o Conselho Federal de Administração – CFA (2017) os cursos de Administração no Brasil têm uma história muito curta, principalmente se comparamos com os EUA, onde os primeiros cursos na área se iniciaram no final do século XIX, com a criação da Wharton School, em 1881. Em 1952, ano em que se iniciava o ensino de Administração no Brasil, os EUA já formavam em torno de 50 mil bacharéis, 4 mil mestres e cem doutores por ano, em Administração.

Teixeira, Silva & Mafra (2011) publicaram, cronologicamente, o histórico do Ensino em Administração no Brasil e alguns marcos fundamentais que permitiram a evolução dessa

educação ligada à ciência da gestão. No intuito de ordenar esses fatos linearmente, tem-se o Quadro 1:

Quadro 1. Evolução do ensino em Administração no Brasil

ANO	FATO
1881	Marco no ensino de Administração: o curso da Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos foi o primeiro curso exclusivamente de Administração a ser ofertado.
1902	A Escola Álvaro Penteado (Rio de Janeiro) e a Escola de Comércio (São Paulo) ofertam cursos em Administração, todavia estes ainda não eram regulamentados.
1930	No Brasil teve início o processo de industrialização, pelo presidente Getúlio Vargas, em que começa a haver uma demanda por profissionais da área de Administração.
1938	Criação do DASP - Departamento de Administração do Serviço Público.
1941	Foi criada a ESAN – Escola Superior de Administração de Negócios, na cidade de São Paulo e foi inspirado no modelo oferecido pela Universidade de Harvard.
1944	O DASP constituiu uma outra instituição, denominada Fundação Getúlio Vargas (FGV), voltada para as seguintes atribuições fundamentais: o estudo das organizações e da racionalização do trabalho e a preparação de quadros profissionais em nível superior.
1952	A FGV estabelece na cidade do Rio de Janeiro, a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), hoje EBAPE/FGV, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas.
1954	É criada a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP/FGV), que foi responsável pelo primeiro currículo especializado em Administração do Brasil.
1956	Criação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), que, à época, possuía apenas os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, que ofertavam algumas disciplinas de Administração.
1963	Criação do curso de Administração da FEA/USP.
1965	Regulamentação da profissão de Administrador no Brasil, através da Lei n. 4769 de 9 de setembro de 1965. Expansão da oferta de cursos em Administração.
1966	O primeiro currículo mínimo do curso de Administração entrou em vigência.
1993	Criação do segundo currículo mínimo em Administração
2005	Criação do terceiro currículo mínimo em Administração, que possui algumas diferenças substanciais em relação aos seus antecessores. Primeiramente, cabe destacar o maior detalhamento em disciplinas de Ciências Humanas, como Sociologia e Psicologia. A Psicologia passa a ser dividida em Estudos Psicológicos e Comportamentais, enquanto a Sociologia em Estudos Antropológicos, Sociológicos e Políticos.

Fonte: Adaptado de Teixeira, Silva & Mafra (2011, p. 08).

O Quadro 01 mostrou, de forma resumida, os fatos históricos que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do ensino de Administração no Brasil. Em sequência a esses fatos, várias iniciativas e projetos vêm sendo empreendidos em prol do desenvolvimento da qualidade do ensino, por meio da atuação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ANGRAD), bem como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e as Secretarias de Educação Superior vinculadas ao Ministério da Educação (MEC) (Silva, Silva & Freitas, 2013).

O curso de Administração tem sua importância refletida na formação de profissionais que saibam realizar tarefas de gestão e entendam conteúdos do ambiente organizacional. Sua maior concentração está em regiões de maior prevalência de concentração produtiva, sendo isso, uma oportunidade para que se haja desenvolvimento nos ambientes onde atuam esses profissionais qualificados.

3. Ensino Superior: perspectivas e ensino em Administração

A instituição de ensino superior permite que o indivíduo procure qualificação e preparação para o mercado de trabalho, agregando novas informações e conhecimentos a seu perfil (Voese, 2007). A globalização econômica, capitalista e informacional impõe importantes mudanças à educação superior que serão refletidas às missões institucionais e o deslocamento de referências centrais: das humanidades às disciplinas técnicas, e da sociedade ao mercado (Dias Sobrinho, 2012). É imprescindível que a educação prepare para o trabalho, porém, seria irresponsável e ingênuo propor uma educação que não se atente aos problemas e aspectos sociais, econômicos e trabalhistas (Goergen, 2013). A educação além de ser um processo destinado à construção do saber técnico, destinado ao trabalho, tem que estar atento às questões sociais.

Para Dias Sobrinho (2012) a educação deve sustentar a primazia da ética, da pertinência social e da relevância social. Dessa forma, a formação deve estar orientada a um ensino de cidadãos-profissionais com consciência social para a construção de sociedades mais justas e desenvolvidas econômica e culturalmente. Paes de Paula (2011) infere que a exagerada ênfase tecnicista em um ambiente de mudanças rápidas e constantes levará a redução progressiva e prematura dos profissionais. É imprescindível uma formação enfatizada num senso crítico-analítico para assegurar um desempenho profissional apropriado. Moraes (1998) acrescenta que é fundamental prevenir de algumas armadilhas, como a tentativa de imaginar cursos fundamentados numa perspectiva apenas profissionalizante e tecnicista, o que se revelaria frustrante.

Drucker (1997, p. 75) já dizia “as empresas existem numa comunidade. Portanto, não podem refugiar-se no isolamento se o mundo ao seu redor começa a se despedaçar”. O contexto social, o ambiente externo ao indivíduo e à organização, é bastante influenciável na forma de agir e decidir as coisas. A formação deve estar orientada ao contexto no qual estão firmados os indivíduos.

4. Abordagem Socioeconômica

A falta de conhecimento da Instituição de Ensino em relação ao seu corpo discente gera, muitas vezes, um planejamento didático pouco significativo, onde é percebido um ensino distante da realidade dos sujeitos participantes, bem como de suas expectativas. Calvosa (2007) aferiu que o estudo dos indicadores sobre composição de renda familiar, planejamento para o que fazer após a graduação, sobre como usar o tempo livre, o perfil voluntariado e características sociodemográficas, dentre outros, permitem a possibilidade de um uso de sinergias que sejam direcionadas a um autoconhecimento, com objetivo maior.

Recentemente, o IBGE (2013) publicou um estudo sobre uma análise das condições de vida da população brasileira, através de indicadores sociais, que disponibilizaram informações demográficas e socioeconômicas, onde enfatizou a importância do conhecimento de uma abordagem socioeconômica a respeito de uma população.

Os indicadores socioeconômicos podem ser compreendidos como estatísticas aptas a medir os elementos inerentes à condição social e do bem-estar do indivíduo (Rattner, 2003). Os aspectos populacionais de uma sociedade, incluindo a análise das componentes demográficas, tamanho da população, alterações no tempo, sua distribuição espacial e a composição segundo diferentes características, são essenciais em uma análise de indicadores sociais. O objetivo destes indicadores é permitir o acompanhamento de programas de cunho social, desde que eles envolvem informações de determinada população (Ibge, 2010, 2013).

É importante frisar que o estudo do perfil socioeconômico do estudante mostra-se relevante ao evidenciar aspectos pessoais e sociais diante da realidade que cerca o aluno, seja na universidade, no ambiente de trabalho, como também na sociedade, como agente crítico. Como afirma Paes de Paula & Rodrigues (2006), sobre o perfil do profissional de administração, que deve mudar, para que se consiga acompanhar as demandas organizacionais e sociais do mundo contemporâneo. O perfil dos administradores desse novo milênio é de envolvimento cada vez maior em trabalho de equipe, de rígidos limites éticos, de constante atualização e aperfeiçoamento, planejamento estratégico, de responsabilidade social e ambiental (Weiblen, 2004 apud Bergamin & Monte, 2011). Para assegurar sobrevivência em um ambiente de rápidas transformações é preciso estar atento a estas mudanças, e fazer-se parte delas.

A cerca do levantamento bibliográfico como referência para a pesquisa, averiguou-se haver pouca literatura que orientasse no levantamento de informações. Logo, utilizaram-se outros trabalhos acerca das características sociais, demográficas e culturais de determinadas populações, com a finalidade de se destacar quais os fatores são considerados semelhantes nesses trabalhos. Aspectos como idade, sexo, estado civil, renda, empregabilidade, moradia, carências, etc., foram os mais comuns.

5. Metodologia

A presente pesquisa pode ser classificada como exploratória e descritiva. Foi de natureza quantitativa, ou seja, “priorizou apontar, numericamente, a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos de um determinado grupo, ou população” (Instituto Phd, 2015).

Quanto ao universo desta pesquisa, este constituiu-se dos alunos do curso de Administração da UFCG/CCJS, ativos, matriculados (2017.1) e que eram frequentes às aulas. Inicialmente, a Coordenação do respectivo curso informou (via relatório impresso) que o montante era de 224. Todavia, depois de 5 (cinco) tentativas de encontro para aplicação do instrumento de pesquisa, verificou-se que os alunos ativos, matriculados (2017.1) e frequentes às aulas eram 165, sendo essa quantidade o valor real do universo desta pesquisa. Aplicou-se questionários com todos os membros do universo, de forma que se realizou um censo.

A coleta de dados se deu através questionários desenvolvidos com base na literatura pertinente e outras pesquisas anteriores, buscando traçar o perfil socioeconômico do aluno, levando em consideração aspectos sociais, econômicos, culturais e demográficos, além dos aspectos referentes à situação educacional. Os dados foram levantados no mês de Julho de 2017, terceiro mês do período 2017.1.

O instrumento de coleta de dados desta pesquisa foi feito com base no questionário socioeconômico do Manual do Inscrito, do ENEM 2008, onde foram aproveitadas e adaptadas algumas questões que se mostraram relevantes ao objetivo da pesquisa. O questionário contou com questões objetivas de múltipla escolha, contendo 44 ao total, divididas entre questões com direito a apenas uma resposta, e outras, com respostas múltiplas, utilizando escalas numéricas, escalas do tipo sim e não, e escalas de frequência.

O questionário foi organizado do seguinte modo: questões socioeconômicas acerca do aluno e sua família foram apresentadas primeiramente; por conseguinte foram evidenciadas

questões referentes aos antecedentes escolares; em seguida, questões relacionadas a trabalho; posteriormente, questões referentes aos motivos e expectativas do aluno a cerca do curso; e, por fim, questões relacionadas à realidade cultural, social e política dos alunos.

O referido instrumento de pesquisa foi aplicado no mês de Junho de 2017. Foi notado que em alguns questionários houve omissão de respostas, como também má interpretação, que levou alguns alunos a responderem incorretamente. Em vista desse fato, esses respondentes foram excluídos do universo das respostas no momento da tabulação. Por se tratar de uma pesquisa quantitativa, os dados foram organizados e tratados em planilhas do programa Excel, do pacote Office, e foi utilizada estatística descritiva para a interpretação e análise.

6. Resultados e discussões

A seguir serão apresentadas as informações coletadas através dos questionários que possibilitaram a investigação do perfil socioeconômico dos estudantes do Curso de Administração, do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, onde se buscou compreender a realidade social e econômica do referido universo, procurando saber, também, questões relativas aos antecedentes escolares, questões culturais e de interesse dos estudantes, e a pretensão dos mesmos ao realizar o Curso.

Inicialmente, pesquisou-se juntos aos alunos qual o seu sexo. A maioria dos alunos é do sexo masculino, correspondendo a 60% do total, enquanto que os alunos do sexo feminino integram 40%. Essa maioria masculina no Curso de Administração não acompanha índices do Censo da Educação Superior 2015, realizado pelo INEP, onde a maioria das vagas, no país, era preenchida por mulheres. São 430.095 mulheres matriculadas contra 336.764 homens. Porém, a profissão de Administrador é ocupada, ainda, em sua maioria, por homens, embora o número de Administradoras venha crescendo continuamente ao longo dos anos (Conselho Federal de Administração, 2016)

Posteriormente, já em relação à faixa etária, a pesquisa encontrou os seguintes resultados, descritos no quadro 2 abaixo:

Quadro 1 – Faixa Etária

Faixa etária	Entre 16 e 21 anos	Entre 22 e 27 anos	Entre 28 e 33 anos	Entre 34 e 39 anos	Entre 40 e 45 anos	Entre 46 e 51 anos
Quantidade (%)	40%	41,21%	9,70%	6,06%	1,82%	1,21%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Os alunos entre 16 e 27 anos correspondem a maioria absoluta, integrando 81,21%. Entre 28 e 39 anos, o percentual diminui consideravelmente para 15,76%. Acompanhando o mesmo ritmo, os alunos entre 40 e 51 anos integram uma parte minimamente pequena, estando apenas entre os 3,03%. Com isso, pode-se afirmar que se trata de um grupo em sua maioria jovens. Isso ocorre segundo dados Ministério da Educação e Cultura – MEC devido às alternativas de ingresso às universidades, os jovens têm iniciado o ensino superior cada vez mais cedo, além disso também se percebe uma oferta maior de vagas no país para o ensino superior (Brasil, 2012).

Foi questionado aos alunos, como eles se consideravam em relação a sua raça. Como resultado, a maioria dos alunos se considera parda, correspondendo a 52,73%, seguidos dos considerados brancos, com 38,18% do total, e, posteriormente, os que se consideram amarelos, contemplando 5,45%. O que desperta atenção é o baixo índice de pessoas consideradas negras, que integram apenas 3,64%. Assim, os resultados apontam para a existência de profundas e persistentes desigualdades raciais, contrariando a ideologia da democracia racial. Apesar das políticas das Cotas Raciais que buscam garantir uma reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos específicos classificados por "raça", o que ainda persistem são as desigualdades que segundo Tragtenberg *et al.* (2006) relatam que há fortes evidências que políticas de ampliação de vagas cegas à raça/cor e à renda manterão as mesmas desigualdades. Isso indica que a cor funciona enquanto gerador de desigualdades no acesso dessas pessoas no ensino superior.

A presente pesquisa buscou saber, também, qual o Estado Civil se mostrava predominante em seu Universo. Os resultados mostraram que a maioria absoluta é integrada por solteiros, correspondentes a 79,39%. Os que se consideram casados, ou moram com companheiro(a), correspondem a 18,18%, enquanto 2,42% do total é formado por alunos que estão separados, divorciados ou desquitados.

Em relação ao tipo de moradia em que residem atualmente o universo da pesquisa, a maioria absoluta dos alunos, contando 88,48%, moram em casa ou apartamento com a família; enquanto que, apenas, 4,85% moram em casa ou apartamento, sozinhos; já 1,21%,

moram em quarto ou cômodo alugado, sozinhos; 2,42% residem em habitação coletiva; e, 3,03% em outra situação. Quanto ao número de pessoas que moram na residência, incluindo os alunos, foi possível constatar que as residências com quatro pessoas lideram com 32,32%, seguidos das de três pessoas, com 22,56%, posteriormente seguidos pelas residências com duas, cinco, seis, e mais de sete pessoas, com 17,07%, 12,80%, 5,49%, e 4,88%, respectivamente. A porcentagem dos que moram sozinhos totaliza apenas 4,88%.

Perguntados sobre as pessoas que moram na residência, os alunos responderam conforme é mostrado pela Tabela 1:

Tabela 1 – Membros familiares que residem com o aluno

	Contagem	%
Mora sozinho	9	5,45%
Pai	86	52,12%
Mãe	106	64,24%
Esposa/marido/companheiro	31	18,79%
Filho(s)	20	12,12%
Irmão(s)	84	50,91%
Outros parentes	28	16,97%
Com amigos ou colegas	10	6,06%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

A maioria ainda mora com a mãe, o pai e irmãos. Essa situação é bastante presente em cidades de interior, onde os jovens convencionalmente saem da residência dos seus pais quando optam por casar ou possuir união estável. Apenas 18,79% moram com companheiro e 12,12% moram com filhos. 5,45% moram sozinhos e 6,06%, com amigos e colegas. A pequena parcela dos estudantes que dividem moradia com colegas são normalmente jovens que decidem morar na cidade onde está localizada a instituição de ensino onde cursam a graduação, e por esse motivo, procuram por companhia de outros estudantes para dividirem despesas, e dessa forma conseguir se manter na cidade em que estudam.

Questionados sobre o número de filhos que possuem esses estudantes, os resultados apontaram que a maioria dos estudantes não tem filhos, 86,06%. Esse resultado pode ser claramente relacionado com os dados apresentados pelo estado civil, que apontaram maioria de jovens solteiros. Os percentuais para os que possuem um, dois, e três filhos, são, respectivamente, 6,67%, 4,24%, e 1,82%. Apenas 1,21% possuem quatro filhos ou mais.

Em relação ao grau de estudos do pai, a maioria dos alunos respondeu que o este estudou da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, 42,21%; já 9,7% nunca estudaram; 15,15% estudaram da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental; 5,45% têm Ensino Médio incompleto; 16,97% têm Ensino Médio Completo; 4,85% têm Ensino Superior incompleto; 4,85% têm Ensino Superior completo; e 1,82% dos alunos não sabem o grau de escolaridade do pai. Esses dados revelam algo bastante interessante, já que a maioria dos pais dos estudantes possui um baixo grau de escolaridade, o que não interferiu na busca por uma realidade diferente, por parte dos filhos. Muitas vezes, o incentivo vem dessa premissa, por buscar novas e diferentes oportunidades através dos estudos.

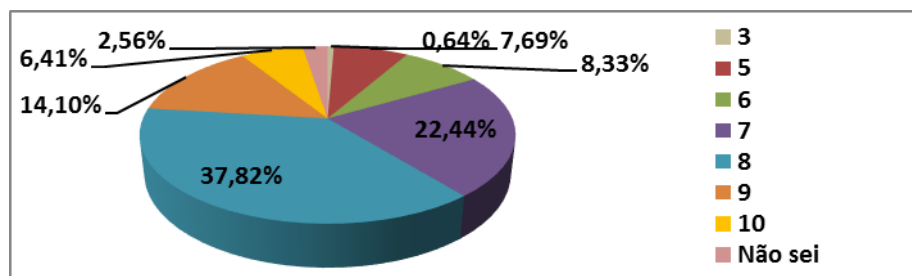
Quanto ao Grau de estudos da mãe, um dado se mostrou interessante, que entre os pais dos alunos, nenhum possuía pós-graduação. Em relação às mães, é possível notar um percentual de 1,21%. O número das mães que não estudaram cai em relação ao dos pais, totalizando, apenas, 5,45%; os que completaram o Ensino Médio também se sobressaem aos pais, com 22,42%. Enquanto ao Ensino Superior completo, os pais mostram-se em maior número, ficando as mães com 3,03%, contra 4,85%. Neri (2008) relata que os salários médios de quem possui o ensino superior são mais do que o dobro daqueles que têm o ensino médio como grau máximo. Suliano & Siqueira (2012) mostram que os retornos por um ano de estudo no Sudeste e no Nordeste estão em (13%) e (16%), respectivamente.

No tocante aos estudos no Ensino Fundamental, buscou-se saber qual o tipo de escola em que estudaram. Como resultados, ficou constatado que a maioria advém de escola pública, totalizando uma maioria absoluta de 72,56%. Os que estudaram parte em escola pública e parte em escola particular, integram 9,76%. Os que estudaram apenas na particular, compreendem 17,68%.

Já em relação ao tipo de escola onde o aluno cursou o Ensino Médio, 79,27% cursaram apenas em escola pública, e somente escola particular 15,24%. Os outros 5,49% estudaram parte em pública, parte em particular. Quando perguntados sobre a modalidade de Ensino em que concluíram o Ensino Médio, observa-se que aproximadamente 91% concluiu no Ensino Regular, 3,05% pelo EJA, e 6,10% pelo Ensino Técnico ou Profissional. Alvarenga *et al.* (2012) relatam que os egressos do ensino público que cursavam na Universidade Federal de Lavras, entre 2005 e 2010, possuem o mesmo padrão de aprendizagem daqueles que vieram de escolas privadas. Tal constatação se deu por meio da análise do Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) semestral dos alunos.

Perguntados sobre a avaliação do Ensino Médio, atribuindo uma nota de 1 a 10, onde conforme o número vai crescendo, a avaliação se torna mais positiva, os discentes responderam conforme mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Nota atribuída à formação no Ensino Médio



Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

A média ponderada correspondente à avaliação dos alunos foi de 7,6. A maioria atribuiu uma nota 8 à sua formação. Uma pequena minoria atribuiu nota 3 (0,64%). A nota máxima foi atribuída por 6,41%. Já 2,56% não souberam avaliar. Assim, de maneira geral, pode-se concluir que o ensino médio é visto positivamente entre os alunos pesquisados, o que, cruzadas com as informações anteriores, constata-se que os estudantes, de maioria provinda de escolas de ensino públicas, percebem seu histórico estudantil como proveitoso.

A pesquisa também buscou saber a opinião do aluno, sobre qual curso fez mais falta em sua vida, após o término do Ensino Médio, conforme mostra a Tabela 2:

Tabela 2 - Percentual relativo aos cursos que mais fizeram falta na vida do aluno após o término do Ensino Médio

	Sim	Não	Total Geral
Curso profissionalizante	39,61%	60,39%	100,00%
Curso superior	44,81%	55,19%	100,00%
Curso de língua estrangeira	55,84%	44,16%	100,00%
Curso de computação ou informática	35,06%	64,94%	100,00%
Outro curso	19,48%	80,52%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Nota-se a preferência pelo curso de língua estrangeira (55,84%), seguido do curso superior (44,81%). Esse resultado mostra que os estudantes estão atentos às necessidades do mercado trabalho, bem como para qualquer área em que se pretende adentrar, onde o domínio da língua estrangeira - principalmente o inglês - é fator determinante e atualmente, tornou-se um requisito essencial. Dos cursos listados, o que se mostrou menos preferível pelo universo da pesquisa, foi o curso de computação, seguido do curso profissionalizante.

Em relação ao total de alunos que trabalham ou já trabalharam recebendo algum tipo de rendimento, a maioria respondeu que já trabalhou (78,79%). O restante nunca trabalhou, sendo que 6,06% relataram estar à procura de emprego. Ainda em relação ao trabalho dos estudantes, foi averiguado o percentual de alunos que trabalharam durante os estudos na Universidade. O número dos que trabalharam o tempo todo é quase a metade do total, contando 47,88%. O número dos que não trabalharam é relativamente alto, contando com 30,91%. O restante (21,21%) disse que trabalhou, mas não o tempo todo, durante os estudos na Universidade.

Quanto ao rendimento mensal dos estudantes atualmente, os que não trabalham ou têm renda mensal de até 1 salário mínimo, representam 33,33%, cada. De 1 a 2 salários mínimos representam 20,61%, seguido dos que possuem de 2 a 5 salários mínimos, que integram 11,52%. Os que ganham de 5 a 10, e de 10 a 30 salários mínimos, integram apenas 0,61%, cada, sendo estes os percentuais mínimos. Ainda levando em conta o trabalho dos estudantes, foi questionado se eles trabalham em alguma atividade na qual se prepararam. Dos 67,88% dos alunos que trabalham atualmente, a maioria respondeu que não trabalha em atividade na qual se preparou (57,58%), enquanto que o restante trabalha em algo na qual tem preparação/estudo/formação (42,42%).

Os respondentes foram questionados sobre qual o ramo de trabalho em que estão atuando. Observou-se que a maioria é representada pelos alunos que trabalham no comércio ou outros serviços (43,64%). Os que trabalham como funcionários públicos são representados por 12,73% do total. Seguindo o caminho inverso dos pais, onde a maioria trabalha na agricultura, apenas 3,03% integram esse ramo. A minoria é apresentada pelos que trabalham na indústria, 6,67%, e os que trabalham em casa, ou como profissionais liberais, são representados, respectivamente, por 0,61% e 1,21%.

Agora, buscando saber a posição relativa ao trabalho no ramo listado anteriormente, a pesquisa nos proporcionou os seguintes resultados: dos 67,88% que trabalham, 30,91% tem posição de empregado no setor privado. Os que têm função de direção, em empresa privada ou como funcionário público, são, respectivamente, 11,52% e 1,82%. Os militares representam a minoria, integrando apenas 0,61%. O índice dos que trabalham por conta própria ou que possui trabalho temporário informal, soma 9,09%. Quando perguntados sobre há quanto tempo estão no trabalho atual, o percentual dos que trabalham a menos de 1 ano é o

maior em relação ao total (21,82%). Os que trabalham há mais de 4 anos representa a segunda maior parcela dos que trabalham, com 19,39%. Entre 1 e 4 anos, soma-se 26,06%.

Niquini *et al* (2015), ao analisarem sobre temas relacionados ao trabalho e ao estudo, pesquisas pontaram que o termo “trabalho” traz, predominantemente, significados positivos, relacionados a ganhos econômicos, psicossociais, morais, à construção de um futuro/experiência profissional, a uma melhor inserção no mercado de trabalho; enquanto, para “trabalhar e estudar”, predominam significados negativos (cansaço, falta de tempo, prejuízo ao estudo, sono), como expressão da sobrecarga derivada da junção de duas atividades que demandam esforço e que são desenvolvidas competitivamente. A forma contraditória como os estudantes estruturam a relação trabalho-estudo fica evidente nessas pesquisas (Oliveira, 2005).

Buscando aprimorar o conhecimento sobre o perfil dos alunos do curso, o questionário buscou identificar o critério de escolha que os alunos tiveram para o referido curso. Através dos resultados, foi possível notar que a maioria (40,61%) sempre pensou em cursar a graduação em Administração, porém um percentual de 36,98% respondeu estar no curso por critérios que se mostram distantes da intenção de querer realmente o curso como primeira opção (baixa concorrência, falta de preparo para o curso desejado, falta de opção na localidade, primeiro curso aprovado). A influência de gestores e a intenção de acesso a concursos públicos obtiveram percentuais de 9,70% e 12,73%, respectivamente. Ao analisar esses dados, nota-se que um grande percentual dos estudantes não está no curso por preferência, e sim por outros motivos que levaram à escolha do mesmo. Essa informação assume um tom preocupante, uma vez que desistências e transferências para outros cursos podem vir a ocorrer.

Ainda levando em conta o pressuposto anterior, foi questionado aos discentes sobre o que os reforçou a tomar a decisão de cursar Administração, qual o grau de influência exercido por alguém próximo, ou também por outros estímulos, sejam eles sociais, financeiros, de realização, etc. Os resultados foram expostos na Tabela 3:

Tabela 3 – Fatores que influenciaram o aluno a tomar a decisão de cursar

	Administração			
	Ajudou muito	Ajudou pouco	Não ajudou	Total Geral
Meus pais	27,78%	38,89%	33,33%	100,00%
A escola	9,72%	42,36%	47,92%	100,00%

Meus (Minhas) amigos (as)	18,06%	42,36%	39,58%	100,00%
Informações gerais, revistas, jornais, TV	26,21%	44,14%	29,66%	100,00%
Meu trabalho	38,19%	23,61%	38,19%	100,00%
Estímulo financeiro	25,00%	46,53%	28,47%	100,00%
Facilidade de obter emprego	28,47%	43,75%	27,78%	100,00%
Eu me identifico com essa profissão	54,17%	29,86%	15,97%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Mais da metade (63,73%) relatou que realiza ou realizou curso de computação ou informática. O curso realizado pelo menor percentual dos alunos foi o de artes plásticas, onde apenas 4,92% dos entrevistados responderam que sim. O curso de língua estrangeira foi realizado por apenas 9,65%, o que mostra um percentual relativamente distante do da média nacional para os alunos de Administração, conforme mostra a pesquisa de 2015, realizada pelo Conselho Federal de Administração, onde 50,78% dos alunos relataram dominar algum idioma estrangeiro (Conselho Federal de Administração, 2015). Em relação a cursos preparatórios para concursos, 15,58% responderam que já realizaram este curso, um número um pouco maior do que os 12,73% que responderam anteriormente, que o motivo de escolha pelo curso foi devido ao acesso a concursos públicos. Atividades físicas foram realizadas por 33,46% dos entrevistados, e 34,56% foi o percentual atribuído a quem já realizou outro tipo de curso.

Quando questionados sobre qual outra profissão escolheriam seguir, que não fosse ligada ao Curso de Administração, a maioria (26,45%) tem interesse em alguma profissão ligada às Engenharias ou Ciências Tecnológicas, seguido de outros 25,16% interessados em alguma profissão ligada às Ciências Humanas. Apenas 3,87% têm interesse e ser professor de Ensino Fundamental ou Médio. Um fato que chama atenção, para análise dessas respostas, é que a UFCG possui um campus na cidade vizinha, Pombal, onde existe o Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, com diversos cursos voltados para a área com maior percentual das respostas, as engenharias. Poucos estudantes possuem interesse na área de docência de nível fundamental médio, reforçando o que indicam várias pesquisas, sobre a grande necessidade de formação de professores do ensino básico e médio.

Perguntou-se aos estudantes como eles pretendem utilizar os conhecimentos adquiridos na Universidade, em curto prazo, logo após a conclusão do Curso. A maioria, representada por 41,29%, pensa em utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso para prestar concurso, assim que concluírem os estudos. Os que buscam empreender somam um percentual de 18,06%. Já os que pretendem exercer atividade de Ensino e Pesquisa, somam 14,19%. Quando questionados sobre o que planejam em médio prazo, daqui a 4 ou 5

anos, 39,35% dos alunos responderam desejar uma profissão no Setor Público, e a minoria, formada por 1,29%, se sente engajada a se envolver em um projeto de desenvolvimento de sua comunidade. 23,87% planejam empreender, 6,45%, de ter apenas um emprego, e outros 12,26% pensam em outros planos.

Apesar do curso em questão ser focado no mercado de trabalho, a saber, administração de empresas, a maior parte dos discentes deseja adentrar-se no serviço público, buscando a estabilidade financeira. Mesmo o empreendedorismo sendo bem disseminado nos cursos, inclusive com disciplinas específicas da área, poucos pretendem seguir esse rumo.

A presente pesquisa também buscou saber, questões culturais, levantando fatores de interesse do Ensino, como a frequência de leitura dos estudantes. A Tabela 4 possibilita analisar essa frequência, conforme as respostas obtidas:

Tabela 4 – Frequência de leitura dos estudantes

	Frequentemente	Às vezes	Nunca	Total Geral
Jornais	14,94%	42,21%	42,86%	100,00%
Revistas de informação geral	9,74%	53,25%	37,01%	100,00%
Revistas de humor / quadrinhos	6,49%	45,45%	48,05%	100,00%
Revistas de divulgação científica	7,14%	42,86%	50,00%	100,00%
Romances, livros de ficção	22,73%	44,81%	32,47%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Observa-se pela Tabela 4, que a maioria tem preferência pela leitura de romances ou livros de ficção, onde 22,73% relata ler frequentemente, e outros 44,81% relatam ler às vezes. Metade dos alunos e outros 37,01% disseram nunca ter o hábito de ler alguma revista de divulgação científica, ou revista de informação geral, respectivamente. Jornais são lidos com frequência por 14,94% dos entrevistados. Nota-se que o interesse dos alunos está especialmente em leitura de entretenimento. A leitura é fundamental na formação do indivíduo, que adquire conhecimento não só voltado para o contexto acadêmico, mas para todas as áreas em que a informação é necessária.

Buscando saber questões sociais e de convivência, na qual está submetido tal universo, a pesquisa procurou saber se os estudantes já sofreram algum tipo de discriminação. Dos entrevistados, 29,75% relataram já ter sofrido discriminação econômica; 14,56%, discriminação ética ou racial; 13,92%, discriminação de gênero; 6,33% por ser ou parecer homossexual; 23,42%, discriminação religiosa. Nessa pesquisa evidenciam-se diversos tipos de discriminação relatados, tendo destaque a discriminação econômica, lembrando que, apesar

do baixo percentual relacionado ao preconceito racial, esse dado é explicado pelo fato de existirem poucas pessoas negras no curso (apenas 3,64%), como já mostrado anteriormente.

Questionou-se aos respondentes se eles participam de algum grupo social, educacional, trabalhista, religioso, político ou recreativo. Observa-se pela Tabela 5, o percentual de alunos que participam de cada grupo listado:

Tabela 5 – Percentual relativo aos alunos que participam de algum grupo social, educacional, trabalhista, religioso, político ou recreativo

	Sim	Não	Total Geral
Diretório Acadêmico	4,43%	95,57%	100,00%
Sindicato ou Associação Profissional	6,33%	93,67%	100,00%
Grupo de bairro ou associação comunitária	5,70%	94,30%	100,00%
Igreja ou grupo religioso	36,08%	63,92%	100,00%
Partido político	6,33%	93,67%	100,00%
ONG ou movimento social	8,86%	91,14%	100,00%
Clube recreativo ou associação esportiva	15,82%	84,18%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

Como mostra a Tabela 5, dos grupos listados, o que possui maior número de alunos, é o de igreja ou associação religiosa, concentrando 36,08% do total dos entrevistados, ficando o segundo maior número com clubes recreativos ou associações esportivas (15,82%). Dentre os estudantes, 4,43% fazem parte de Diretório Acadêmico; 8,86% é o percentual de alunos que se interessam por ONGs ou movimentos sociais; 5,70% fazem parte de grupos de bairro. Alunos participantes de partido político e Sindicato integram 6,33% do total, cada.

Levando em conta assuntos de cunho social, a pesquisa buscou investigar quais assuntos que mais preocupam os alunos, na atualidade. Para isso, dentre várias opções, foi questionado, qual das temáticas os preocupa em 1º e em 2º lugar. Na Tabela 6 podemos visualizar os resultados de forma organizada:

Tabela 6 – Percentual relativo ao total de alunos que se preocupam atualmente, em 1º e 2º lugar, com assuntos gerais da atualidade

	1º lugar	2º lugar
A Aids e as doenças sexualmente transmissíveis	2,27%	2,30%
A desigualdade social no Brasil	9,09%	13,79%
A discriminação contra homossexuais	0,00%	2,30%
A discriminação de gênero	1,14%	2,30%
A discriminação etária	0,00%	1,15%
A discriminação religiosa e os conflitos religiosos	7,95%	2,30%
A pobreza, as favelas, os(as) meninos(as) de rua	5,68%	3,45%
A precariedade dos serviços públicos de saúde e educação	23,86%	26,44%

A situação econômica do país	27,27%	21,84%
As drogas e a violência	4,55%	11,49%
O meio ambiente	18,18%	10,34%
O racismo e a discriminação étnico-racial	0,00%	2,30%
Total Geral	100,00%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

O assunto que mais preocupa a maioria dos entrevistados, em 1º lugar, é a situação econômica do país, com um percentual de 27,27%. Em 2º lugar, a precariedade dos serviços públicos se torna a maior preocupação, onde 26,44% do total mostrou interesse. Os assuntos que se mostraram menos preocupantes foram sobre discriminação etária, discriminação contra homossexuais, discriminação de gênero e discriminação étnico-racial, obtendo menor percentual quando somados entre os índices de 1º e 2º lugar. Estar atento e preocupado com a situação econômica do país denota maturidade e uma relação com o curso, já que a economia está inteiramente ligada à gestão.

A presente pesquisa buscou investigar a pretensão do aluno quanto às contribuições do Ensino Superior para sua vida pessoal. De acordo com os resultados obtidos, a maioria almeja como contribuição do Ensino Superior, uma formação básica que possibilite a obtenção de um emprego melhor, onde 37,72%, pensaram nesta. A segunda principal contribuição na visão dos estudantes, também foi em relação à pretensão de obter um emprego melhor (34,21%). A terceira contribuição principal, com maior percentual, foi o de obtenção de um diploma (24,56%). Portanto, o que se pode perceber é que no curso analisado os estudantes buscam sucesso profissional, que possibilite melhores condições financeiras, seja na obtenção de um emprego com remuneração maior, ou com um cargo de gerência.

7. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar e traçar o perfil socioeconômico dos alunos do Curso de Administração da UFCG/CCJS. Este estudo se mostrou relevante, à medida que o conhecimento desse perfil estudantil é parcialmente conhecido no referido curso do CCJS, sendo ele de suma importância para a colaboração de melhorias para o ensino-aprendizagem. Com a identificação destes perfis, foi possível destacar quais são as pessoas que procuram por este curso, quais seus motivos por essa opção, suas características, e qual a área que pretendem atuar, informações pelas quais poderia se repensar o posicionamento acerca do ensino, utilizando desse conhecimento para o auxílio na preparação e reformulação dos planejamentos didáticos.

De acordo com resultados obtidos, podemos perceber que o Curso de Administração possui, em sua maioria, alunos do sexo masculino, alunos com idade entre 16 e 27 anos, estudantes considerados de cor parda e branca, solteiros, que moram em casa ou apartamento com a família, com número de três ou quatro pessoas. A maioria ainda mora com mãe, pai e irmãos, e não tem filhos. O grau de escolaridade prevalente entre os pais é da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, que trabalham, em maior número, na agricultura, comércio e no lar.

Foi possível descrever como foram os antecedentes escolares destes alunos, sendo que a maior parte estudou integralmente em escola pública, cursou ensino regular, e atribuiu uma nota 8 para a formação obtida no Ensino Médio. Dentre os principais cursos que mais fizeram falta na vida do aluno após o término do Segundo Grau, o que mais se destacou foi o de língua estrangeira.

Destacou-se, também, que a maior parte do universo trabalhou durante os estudos na Universidade; a renda da maioria é em torno de até 2 salários mínimos; e o rendimento familiar está entre 1 e 5 salários mínimos. Verificou-se que maior parte dos alunos trabalha em atividade na qual se preparou; na área do comércio; é empregada no setor privado; e exerce função há menos de 1 ano.

Foi conhecido os principais motivos de escolha pelo Curso de administração. As principais razões foram pelo desejo de sempre realizar o curso e a falta de opção na localidade. A identificação com a profissão foi o que mais influenciou nessa escolha. Quanto ao ano esperado para a formação, a maioria almeja concluir entre 2018 e 2020. Já em relação às contribuições do Ensino Superior para a vida do aluno, a maioria se diz cursar pensando na possibilidade de conseguir um emprego melhor, e de obter um diploma.

Em relação aos cursos e atividade já realizados pelos discentes, a maioria respondeu ter feito curso de informática. Cursos profissionalizantes foram feitos por 26,14%, e cursos superiores completos por 4,58%. Questionados sobre que outras profissões os alunos se interessariam em trabalhar, não ligadas ao Curso de Administração, as áreas da Engenharia e das Ciências Humanas se destacaram. Foi percebida uma pretensão da maioria dos alunos a prestar concurso após a conclusão do Curso.

A presente pesquisa buscou conhecer a realidade social e pessoal na qual os alunos estão sujeitos. Questionados sobre questões discriminatórias, a maioria disse não ter sofrido qualquer tipo de discriminação, porém, entre os discriminados, a maioria sofreu devido o

local de origem e suas condições econômicas. Foi investigado se os discentes participam de algum grupo social. Dentre os grupos, a maior parte participa de grupos religiosos. Já em relação o grau de interesse por assuntos da atualidade, a maioria dos que se mostraram muito interessados, marcou questões sociais relacionadas a serviços públicos e a desigualdade social, como principais. Sobre assuntos gerais da atualidade, que se mostram mais preocupantes na opinião dos estudantes, a situação econômica do país ficou em 1º lugar, e a precariedade dos serviços públicos em 2º.

De certa forma, foi possível compreender que o aluno do curso se mostra um estudante trabalhador, que busca qualificação profissional e melhores condições de emprego, para sua transformação social. Tomando como base o pressuposto de que a instituição precisa conhecer o perfil do aluno como sujeito do processo de construção do conhecimento, esses dados tornam-se relevantes na preparação de planejamentos didáticos, e de desenvolvimento de ações de caráter pedagógico, com o intuito de oportunizar o acesso à permanência no Ensino Superior, construindo políticas estudantis que incentivem os alunos, não apenas a continuar os estudos, mas também, de buscar realizar o que pretendem ao realizar o Curso.

Desta forma, os resultados da pesquisa permitem compreender o perfil dos estudantes e relacionar possíveis variáveis envolvidas. Como sugestões para pesquisas futuras sugere-se a utilização de mais universidades, de forma a tornar o estudo mais amplo, e com mais variáveis como: fatores motivacionais, comportamentais, conhecimentos prévios com a análise e outros cálculos.

Referências

Alvarenga, C. F.; Sales, A. P.; Costa, A. D. da; Costa, M. D. da; Veroneze, R. B. & Santos, T. L. B. (2012). Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFPA. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 6 (1): 55-71.

Calvosa, Marcello. (2007). As Competências e as Expectativas do Futuro Administrador: o Estudo do Perfil do Estudante de Administração da UFRRJ. *Revista Universidade Rural. Série Ciências Humanas*, 29(1):1-18.

Chiavenato, I. (2000a). *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000a.

Chiavenato, I. (2000b). *Administração: Teoria, Processo e Prática*. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2000b.

Chiavenato, I. (2000c). *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Campus, 2000c.

Conselho Federal de Administração (2015). *História da Administração*. Recuperado em 09 fevereiro, 2017, de <<http://www.cfa.org.br/administracao/historia-da-profissao>>.

Conselho Federal de Administração (2017). *Administrador*. Recuperado em 09 fevereiro, 2017, de <<http://www.cfa.org.br/administracao/administrador>>.

Conselho Federal de Administração (2016). *Administração é o segundo curso com maior número de matrículas em 2015*. Recuperado em 20 fevereiro, 2017, de <<http://www.cfa.org.br/servicos/news/cra/cfa-administracao-e-o-segundo-curso-com-maior-numero-de-matriculas-em-2015>>.

Dias Sobrinho, J. (2012). Políticas y conceptos de calidad: dilemas y retos. *Avaliação*, 17(3): 601-618.

Drucker, P. (1997). *As novas realidades no governo e na política, na economia e nas empresas, na sociedade e na visão do mundo*. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

Goergen, P. (2013). Da formação ao ensino: um ponto cego nas políticas de pós-graduação. *Avaliação*, 18(1), 45-68.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009). *Indicadores Sócio-demográficos e de Saúde no Brasil*. Recuperado em 20 fevereiro, 2017, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/default.shtm>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Indicadores Sociais Mínimos*. Recuperado em 08 fevereiro, 2017, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/default_minimos.shtm>.

Instituto Phd (2015). *Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa: Entenda a diferença*. 2015. Recuperado em 04 março, 2017, de <<http://www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/>>.

Lourenço, C.; Tonelli, D. F. & Mafra, F. L.M. (2009). *Reconciliação entre o Econômico e o Social: um Desafio para o Ensino de Administração. Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*. Curitiba, PR, Brasil.

Maximiano, A. C. A. (2009). *Introdução à Administração*. São Paulo: Atlas, 2009.

Moraes, R. C. C. (1998). Universidade hoje: ensino, pesquisa e extensão. *Educação & Sociedade*, 19(63), Campinas.

Motta, F. C. P. (2003). *Teoria das Organizações: Evolução e Crítica*, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Niquini; R. P.; Teixeira, L. R.; Sousa, C. A. de; Manelli, R. N.; Luz, A. A.; Cavadinha S. L. T. & Fischer, F. M. (2015). Características do trabalho de estudantes universitários associadas ao seu desempenho acadêmico. *Educação em Revista*, 31(01):359-381.

Oliveira, D. C. Adolescência, trabalho e estudo: análise comparativa das representações sociais de adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. (2005). *Revista. Enfermagem*, 13(2): 229-237.

Paes De Paula, A. P., & Rodrigues, M. A. (2006). *Pedagogia Crítica no Ensino da Administração: Desafios e Possibilidades. Anais do XXX Encontro da ANPAD*, Salvador, Bahia, 2006.

Paes De Paula, A. P. (2012). *Estilhaços do real: o ensino da administração em uma perspectiva benjaminiana*. Curitiba: Editora Juruá, 2012. 138p.

Ribeiro, V. M. F. G. (2017). *A importância da educação superior e sua relevância na inclusão profissional*. Portal Educação. Recuperado em 04 março, 2017, de <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/iniciacao-profissional/a-importancia-da-educacao-superior-e-sua-relevancia-na-inclusao-profissional/56642>>.

Silva, I. C.; Silva, K. A. T. & Freitas, R. C. (2013). *Ensino de Administração: Reflexões Críticas sobre a Formação do Administrador*. In: *Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, Brasília - DF.

Suliano, D. C. & Siqueira, M. L. (2012). Retornos da educação no Brasil em âmbito regional considerando um ambiente de menor desigualdade. *Economia Aplicada*, 16 (1): 137-165.

Teixeira, M. P. R.; Silva I. C. & Mafra, F. L. N (2011). Reflexões Sobre a Formação do Administrador: Uma Abordagem a partir da Inserção das Questões Sociais nos Conteúdos Disciplinares. *Revista Symposium*, 9(1) : 5-22.

Tragtenberg, M. H. R.; et al. (2006). Como aumentar a proporção de estudantes negros na Universidade? *Cadernos de Pesquisa*, 36 (128): 473-495.

Voese, S. B. (2007). Contabilidade por Atividades nos Processos da Gestão Acadêmica nas Instituições de Educação Superior Privadas. *Revista Brasileira de Contabilidade*. (168).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

José Carlos Vieira de Queiroga - 40%

Marcos Macri Olivera - 20%

Luma Michelly Soares Rodrigues Macri - 20%

Allan Sarmiento Vieira - 10%

Érika Lira da Silva - 10%